

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

13 de Novembro de 2004 • Ano LXI • N.º 1583
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 • Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Cultura da dependência

MAS não é só no *terceiro mundo* que o risco de infiltração desta cultura ameaça. Os homens, filhos de Adão, se se quedam nesta natureza recebida e não descobrem em si sinais da transcendência para que

Adão foi criado e que é preciso persegui-los esforçadamente para a reconquista de um estado de mais perfeita humanidade, restam muito parecidos no seu íntimo embora algo diferentes na aparência, reflexo de contextos material-

mente diversos. E ainda assim as facilidades materiais de comunicação vão esbatendo estas diferenças, sem vantagem para os ditos menos evoluídos que mais facilmente apreendem os defeitos dos outros do que as suas qualidades.

O novo livro

Projecto Educativo das Casas do Gaiato O ambiente na educação do rapaz

Arte e a ciência de educar, na simplicidade e na verdade, estão aí, mais ou menos, desvendadas não como técnicas, mas como missão que nasce da dor, se confronta com as suas causas, as acolhe com a própria crueza e, pouco a pouco, sem pressas nem desânimos, com avanços e recuos, de olhos fixos no Mestre de todos os mestres vai tentando plasmar em cada rapaz os alicerces do homem de Bem.

Contra o que, à primeira vista, pode parecer, o ambiente aqui citado refere-se não só ao meio físico que em todas as Casas do Gaiato é esplendoroso, amplo e variado, mas a toda a envolvimento afectiva, pedagógica, naturalista, amorosa e construtiva que o Padre Américo intuiu, realizou e que os Padres da Rua têm ampliado seguindo a mesma consciência.

O autor chama a isto naturalismo pedagógico que não tem nada a ver com naturalismo iluminista de outras filosofias de educação, mas um humanismo realista capaz de responder cabalmente às necessidades educativas do rapaz desamparado, viciado na, ou, pela rua.

O dado mais importante deste ambiente é o clima familiar proporcionado pelos Padres e pelas Senhoras que, professando pobreza absoluta, se dão inteira e continuamente aos rapazes e, na lógica desta oferta, fazem com que eles se dêem uns aos outros numa comunhão de vida natural, livre e responsável favorecendo o desenvolvimento de uma educação personalizada, informalmente facilitadora de espontaneidade, formação pessoal e autonomia.

Este ambientalismo pedagógico — diz o autor — e nós testemunhamos:

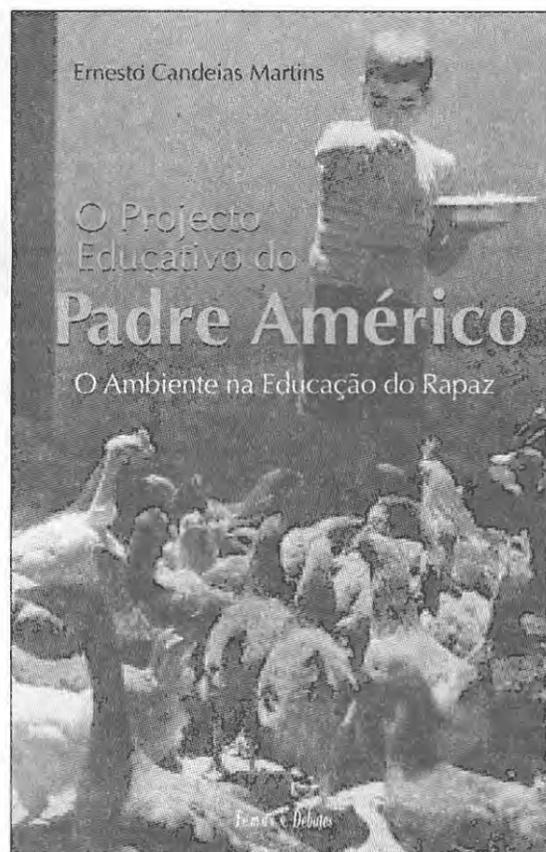
«É o melhor processo para actuar junto do gaiato de modo a:

- Provocar-lhe efeitos e mudança nos comportamentos e nas suas atitudes.
- Atenuar e equilibrar as suas tensões e tendências anteriores oferecendo-lhe tranquilidade, confiança e alegria.

- Promover a socialização dos espaços da comunidade conjugando-se factores físico-naturais e educacionais.
- Servir de terapia na formação do carácter e da personalidade.
- Gerar competências e sentido de responsabilidade o que implica a manifestação e descoberta da sua auto-identidade ou auto-estima.
- Criar hábitos de higiene e limpeza (social, corporal e habitacional).
- Criar impactos na saúde, na psico-motricidade, no movimento, nas actividades lúdicas e nas relações pessoais.»

As Casas do Gaiato são espaços sócio-educativos sem tecnicismo nem organização aparente

Continua na página 3



Estamos, pois, num mundo globalmente mal educado em que a volúpia do fácil, do cómodo, do prazer do instante — o *natural* fabricado pelo homem — se contrapõe à Lei Natural que Deus imprimiu na sua consciência. E as consequências de tantos comportamentos desregrados ditados pela ambição da riqueza e do poder, sofrê-las-ão as gerações vindouras — já esta que está agora entrando na vida com fortes razões de queixa do mundo que lhe deixam impregnado de culturas de dependência.

Não é só nas nossas Casas em África, dada a enorme atrofia económica que as cerca, que sentimos

a dificuldade de ir lançando na vida os rapazes que pela sua idade devem iniciar-se na sua autonomia. Aqui, na grande Família que somos — e ela abrange também muitos netos — experimentamos semelhante preocupação.

Recorre-se ao artifício de projectos de formação que adiam a premência de um emprego e tantas vezes não preparam para nada. Porque?... Porque foram acções empreendidas para gastar fundos que enquanto duram, entretêm muitos interesses mas não atingem aquele que lhes dá razão de ser: preparar jovens para a sua independência.

Continua na página 3

PENSAMENTO

Os obreiros do Evangelho não fazem cálculos nem têm programas. Assim como os edifícios, também os alicerces da nossa vida oferecem muita segurança. Aqui, particularmente, Cristo Jesus é Pedra Angular. Que ninguém edifique de outra maneira.

PAI AMÉRICO

Malanje

Reflectindo

• ANDO amargurado. Por mais que olhe e busque não encontro saída deste beco triste e sem ranhuras de luz.

Foi ontem um que, ao sentir que os poucos estudos que tem não lhe resolverão o futuro, a pedir-me para tirar um curso de informática. A silva que lhe apareceu no meio do lago e à qual se agarrou para se não afundar... Ora, eu sei que nunca se encontrará num escritório a manobrar um computador. Mas é a silva. Não tenho discurso para o demover.

• ONTEM, um outro, já serralheiro, que a luz da solda lhe fazia mal às vistas e que eram as cartas de condução, e só elas, a salvá-lo do naufrágio.

O nosso entusiasmo de promoção e para tal o afastamento do seu meio, criou um vazio. Ficaram incapazes de fazer umas mibangas e nelas plantarem o milho, a ginguba e o feijão. Somente já os mais velhinhos fazem e plantam.

• EM toda a nossa sociedade se criou esta ilusão dum mundo novo sem produzir.

Ideia falsa e de consequências imprevisíveis. Arrancamos o rapaz à rua. Damos-lhe uma cama e comida, estudos, cartas e cursos de informática. Ajudamos a construir o grande palácio de ilusões, onde nada se produz — o tal beco sem luz e sem saída, que só um milagre poderá rasgar.

• AGORA os mais velhos, já sem jeito nem proveito para continuarem na Casa, mas que não posso varrer porque ajudei a construir o tal palácio.

— O senhor é que não quer arranjar-me um bom emprego...
Coração amargurado!

Padre Telmo

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

POBREZA — A pobre mulher traz os olhos de choro pela doença do marido que será obrigado a outra operação cirúrgica.

— *Ele sofre muito com a doença que tem...*

Agora, ela pede algum dinheiro, suficiente para ir ao Porto com o marido, ao hospital.

— *A doença do meu homem é pra nós uma despesa grande, até porque não pode trabalhar. Tive de deixar a luz eléctrica e outras coisas mais, pois não temos dinheiro...* — disse, a soluçar!

Curiosamente, vale a pena transcrever, com a devida licença, parte duma obra de um investigador universitário, publicada numa revista cristã sobre a Pobreza a nível mundial:

«Informações do Banco Mundial mostram que a percentagem de pessoas que vivem com menos de um dólar (85 cêntimos) por dia desceu de 39,5 por cento, em 1981, para 21,8 por cento, em 2001. Naturalmente que é uma boa notícia, mas esta melhoria deve-se muito a dois países onde os avanços foram muito significativos: o crescimento económico da China e da Índia permitiu diminuir em 500 milhões o número dos que vivem em extrema pobreza. Assim, a pobreza diminuiu na Ásia sul e oriental (de 60 por cento para 16 por cento), no Médio Oriente e na África do Norte (de 5,1 para 2,4 por cento), mas aumentou na África subsariana (de 41,6 para 46,5 por cento) e na Europa do Leste e Ásia central (de 0,3 para 3,7 por cento). De qualquer modo, existem ainda mil e cem milhões de pessoas nestas condições extremas.

O problema da pobreza, na opinião de um relatório da ONU, depende hoje apenas da vontade política. Não é um objectivo inatingível, pois está ao nosso alcance: *'A erradicação global da pobreza é mais que um imperativo moral e compromisso da solidariedade humana. É uma possibilidade prática. Chegou a altura de erradicar os piores aspectos da pobreza humana dentro de uma ou duas décadas, de criar um mundo mais humano, mais estável, mais justo... Maiores reduções da despesa militar, com as poupanças a serem canalizadas para a redução da pobreza e para o crescimento a favor dos Pobres, deveriam prosseguir de forma a providenciar os recursos necessários (...). Não mais inevitável, a pobreza deveria ser relegada para a história, a par da escravatura, do colonialismo e da guerra nuclear'* (PNUD 1997). E outra passagem: *'Muitos afirmam que a erradicação da pobreza é demasiado cara. Numa economia mundial de 25 milhões de milhões de dólares, este argumento é notoriamente falso... Providenciar o acesso universal aos serviços sociais básicos e a transferência para aliviar a privação de rendimentos custaria — com uma orientação eficiente — cerca de 80 mil milhões de dólares. Isto é menos de 0,5 por cento do rendimento mundial e menos do que a riqueza líquida conjunta dos sete homens mais ricos do mundo.'*

Hoje não seriam precisos sete, pois a lista dos mais ricos do mundo é encabeçada por Bill Gates com a insignificância de 40 mil milhões de dólares. Isto é, dois Bill Gates resolveriam o problema!!! Por outro lado, os que nos governam preferem de longe as armas (a morte) à solidariedade (vida): enquanto as despesas militares dos países ricos representam 11 por cento dos seus orçamentos, a assistên-

cia ao desenvolvimento não passa dos 0,59 por cento. Isto, para já não falar dos abusos 'legais' dos auto-subsídios ou das barreiras alfandegárias.»

PARTILHA — Assinante 11856, do Porto, presente com 25 euros e a indicação de que estará de novo conosco, *«quando receber o subsídio de Natal»*. Agradecemos e retribuimos as saudações.

Quinze euros, do assinante 74442, da Covilhã. *«É pouco, mas dados com vontade»*.

De Pegões, *«uma pequena ajuda de 12 euros para os mais necessitados, por alma dos meus familiares»*, afirma a assinante 35515.

A habitual remessa do assinante 53241, do Luso, 25 euros, *«correspondentes à minha contribuição relativa ao mês de Outubro»*.

O assinante 8682, do Porto, *«tendo continuado doente, só agora é possível enviar para O GAIATO e o resto para a vossa Conferência. Impressionou-me o que dizem na edição de 2 de Outubro»*.

Uma presença, de sempre, a assinante 57002, da Senhora da Hora, com *«200 euros, minha pequena oferta de Setembro e Outubro para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Será para distribuírem como melhor entenderdes. Infelizmente, as necessidades devem ser muitas. As contas da farmácia devem ter subido e muitos outros problemas devem ter surgido»*. Está conosco...!

Outra senhora que surge, por aqui, há muitos anos, assinante 32517, da Capital, *«diz que a Conferência estando em déficit, é altura de a ajudar. Eu só estou em casa e não faço nada pelos outros. Tenho quase oitenta anos. Pode transformar em algo de útil 250 euros para os que mais precisam»*.

Mais outra Senhora, Amiga de há muitos anos, também, assinante 5963, de Paço de Arcos, com *«a partilha habitual e saudações fraternas»* que retribuimos com amizade.

De Viana do Castelo, a assinante 54745, presente com uma pequena contribuição para O GAIATO *«e o que sobrar será para ajudar um pouco as aflições dos que batem à porta e nossas são também. Aflições muito que haja tantas necessidades no País que somos e ver gastar rios de dinheiro em futilidades. Mas que se há-de fazer!? Gostávamos de vos dar mais e sempre que nos seja possível o faremos»*. Que bom!

Assinante 51427, de Oliveira de Azeiteis, 50 euros, *«ajuda de alguns medicamentos para os mais necessitados»*.

De Lisboa, a assinante 3881, *«Já de há muitos anos»,* que sabe das dificuldades que nós temos com a miséria dos Pobres, *«pede a Deus que ajude em tão difícil caminhada...»*

Trinta euros, do assinante 18450, da Senhora da Hora, com *«um abraço para a rapaziada»* — como afirma.

De Vancouver, Canadá, 100 dólares *«para serem repartidos por quem tem mais necessidade. Vós bem sabeis quem precisa, no meio de tantos Pobres que ajudais. Isto representa uma pinga de água no oceano»*.

Cem euros, do assinante 10747, de Alcochete.

Em nome dos Pobres, Deus vos pague.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Outubro, 59.133 exemplares



Matrimónio da Andreia, filha do João Evangelista, e Paulo.

Paço de Sousa

DESPORTO — É visível a subida de forma da nossa equipa Sénior, de Domingo para Domingo. Receberam o F. C. dos Barreiros e apesar de terem sofrido o primeiro golo do encontro e terem falhado uma grande penalidade, não desanimaram; com garra e determinação, deram a volta ao resultado e chegaram ao 2-1. No entanto, e já muito perto do fim, um remate fortíssimo e bem colocado o nosso adversário conseguiu restabelecer a igualdade e assim fixar o resultado final. Apesar da discrepância de idades e tamanhos, conseguiram em certa altura do jogo, ser superiores, mas, também, não é de todo injusto reconhecermos o 2-2 como resultado certo, pelo que se passou durante os 90 minutos.

Há rapazes nas nossas equipas que são uns verdadeiros heróis. Eles chegam ao fim do jogo completamente esgotados. E, tem graça, que aqueles que mais se evidenciam, são sempre aqueles que nunca se envolvem em picardias, nem respondem a provocações do adversário, tenham ou não razão. É fantástico! Quem dera que todos os outros lhes sigam os passos. O capitão da nossa equipa Sénior é um deles! É exemplar.

No final do jogo falámos com o responsável pela equipa adversária. Resposta pronta e clara: *«Não estamos satisfeitos com a equipa de arbitragem, mas estamos maravilhados, ao constatar que este ano os rapazes trocam melhor a bola, praticando assim, um futebol quase de primeira classe»*. Ficamos satisfeitos, mas não dá para embandeirar em arco! Calma, que a precisão ainda vai no adro...!

Os Juvenis receberam o S. C. Nun'Alvares e não deixaram ficar os seus créditos por mãos alheias. Ganhar por um expressivo 4-1, apesar de uma primeira parte um pouco atabalhoada. Um futebol menos bem conseguido, no que diz respeito à prática de futebol bonito e junto à «relva». Mesmo assim, chegámos ao fim dos primeiros 45 minutos e o marcador registava 2-0. Para a segunda metade,

fizemos algumas alterações. Sairam: Licínio, «Pretinho», André, Agostinho e Rolando; e entraram para o lugar respectivo: Abílio, «Bolinhas», Rogério, Gil e mais tarde, Erickson e Tó-Zé. Com um futebol diferente, registou-se uma segunda parte de nível superior e onde se marcaram mais dois golos por intermédio de Abílio; já que os dois primeiros foram concretizados por Rolando, na primeira parte do encontro. Rogério podia ter marcado o golo da tarde, mas a trave fez questão de fazer frente à bola, e não permitir a sua entrada na baliza adversária. Bom jogo, perante um adversário nada fácil, apesar de ter sofrido quatro golos, contra um que o «Teixugueira» não conseguiu evitar.

Alberto («Resende»)

Setúbal

CURSO DO 2.º CICLO — Começou o nosso curso, há uma semana. Temos três professores e somos dez rapazes. Funciona na Escola da nossa Casa, durante a tarde. Esperamos que ao longo do ano façamos bom trabalho.

JARDIM — Andamos a arrancar árvores que já estavam velhas. Algumas foram transplantadas para outros pomares e para junto da vacaria. Vamos estudar o plano para ver o que vamos fazer do jardim.

VITELEIRO — O «Fernandinho» e o Miguel, mais o Amândio, andaram a virar as barracas dos bezerros que estão no terreno ao lado da vacaria. Virou-se para não apanharem chuva nem vento. Assim, os animais estão mais protegidos porque vem aí o Inverno.

VIVEIRO — O «Cocas» e o André tomaram conta do viveiro. Já temos algumas caturras, periquitos, rolas e mais duas qualidades de pássaros. As caturras estão a reproduzir-se bem porque o «Cocas» tem tratado hem-

delas, dá-lhes vitaminas e comer. Agora, pusemos acrílico à volta do viveiro para os pássaros não apanharem frio e chuva, e nós podermos vê-los melhor.

VACARIA — Temos duas vacas na maternidade à espera de parir. Esperamos que corra tudo bem com os nascimentos dos bezerros. Esta semana já nasceu um bezerro com bom corpo. Demos-lhe clostro para que ele resista às doenças. Temos uma vaca que vai para a matança porque não dá bezerros.

Horácio

Santo Antão do Tojal

HORTA — As nossas alfaces estão prontas para as nossas refeições. Entretanto, os outros produtos, como a couve, estão no bom caminho.

OFICINAS — Os rapazes da carpintaria estão a desempenhar um bom trabalho. Andam a concertar as portas do palácio e reforçar as das salas de teatro que estão constantemente a ser arrombadas. A tipografia e a serralharia também têm estado em acção a realizar trabalho para fora.

OFERTAS — O Natal, este ano, chegou mais cedo. Ofereceram nove televisões de sala, o nosso muito obrigado por se terem lembrado de nós. Do mesmo modo, não podemos esquecer também os amigos que conosco partilham, todos os dias e em cada respirar, aos mesmos o nosso muito obrigado. Também ao S.L. Benfica que nos tem proporcionado a ida dos nossos rapazes à bola. Desde já, o nosso muito obrigado.

POCILGA — Já nasceram mais leitões. Esperamos que esta ninhada se mantenha firme como a anterior. O nosso «Dentuças» está muitíssimo alegre, inclusivé nós.

COMÉDIAS DE CASA — O nosso «Topo» ficou por ir tratar do bilhete de identidade. No dia anterior tinha tirado fotografias e antes de ir tratar do mesmo afirma: *«Senhor padre, é preciso levar fotografias?»*

Três dos «Batatinhas» mais novos vêm até ao escritório e diz um: *«Queremos varrer as ruas»*; outro: *«Queremos rebuçados, pois gostamos muito»*; e outro ainda: *«Senhor padre, eu sei cantar, quer ver?»* — Aleluia, Deus está, aleluia...!

Tens em mim um cantinho

*A minha distância
Em cada suspiro
Nessa convivência
De ponto em ponto
Cicatrizando um passo de cada.
Ontem estava triste
Hoje sou feliz.
Amanhã serei infeliz
Por nada poder fazer,
Nesta insegurança
De viajar sem regressar.
Tenho medo de te deixar
Pois um pedaço do meu coração
Paira no teu reino
Que hoje triste choras.
Na minha ausência
Quando derramardes
As gotas cristalinas
Senti ao pôr do sol e lembra-te de mim
Estarei presente no dito consolo.*

Abílio Pequeno

O novo livro

Projecto Educativo das Casas do Gaiato O ambiente na educação do rapaz

Continuação da página 1

parecendo um «caos» educativo, mas onde tudo é espontâneo, natural e simples como numa família bem estruturada. Assim o quis o Fundador da Obra da Rua: — «*Foge à rotina clássica dos agentes de vigilância nas congêneres obras sociais*».

O livro aí está como uma ferramenta a confrontar continuamente pelos Padres da Rua iluminando, ilustrando e confirmando.

Como um documento a pôr nas mãos dos mais responsáveis da Igreja católica que deve defender a criança pobre e desvalida das leis anti-naturais, dos jogos de interesses e do indiferentismo absurdo e comodista de muitos magistrados.

Como demonstração a pôr nos olhos do Ministério Público de todas as Comarcas e dos legisladores sobre crianças desvalidas, bem como de

toda a Segurança Social e de todos os seus agentes.

Como objecto de reflexão e consulta para todos os estudiosos honestos quer dos problemas da criança sem-família, quer da Obra da Rua, como para jornalistas correctos, mal informados que se têm deixado ir na onda ligeira daquilo que outros dizem ou escrevem, ignorantes ou mal-intencionados.

O livro é um estudo científico que deve ser examinado por quantos pretendem avaliar, investigar, ou alguma vez, por desgraça, inspecionar, de novo, a Obra da Rua.

Sendo acessível na sua linguagem, não o é nos conceitos por elevados que são, naturalmente.

Temas e Debates, do «Círculo de Leitores», é a sua editora, mas o livro está à venda em todas as Casas do Gaiato e constitui, como ao tempo informei, a segunda parte do «Padre Américo — destino de uma vida».

Padre Acílio

Cultura da dependência

Continuação da página 1

A primeira disciplina de qualquer formação deveria ser o *trabalho*: gerar no espírito do jovem a convicção da essencialidade dele para a sua autonomia e daí ajudá-lo a crescer no gosto dele. Estes, aprendam concomitantemente o que aprenderem — e é bom que aprendam muito e bem! — são sempre os capazes de ultrapassar as crises de emprego. Porque há sempre muito que fazer e em tantos casos não há quem o faça, os desta estirpe encontram sempre espaço, às vezes de casca dura de roer... mas chegam ao miolo. E vão progredindo honestamente sem se encostarem a ninguém.

Pai Américo é um Educador desta linha: para a independência. «Não se ocupe o estranho em trabalhos que podem ser feitos pelo rapaz. O brio; a inicia-

tiva; a personalidade — tudo procede daquela fórmula. O trabalho deles, pela mão deles, querido por eles, é ainda a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem». Com alicerce neste estado de alma dar formação, sim; dar espaço para que cada um voe conforme as asas que tem. Mas para voar!; não para se instalarem em qualquer poleiro, encostados a instituições ou a esquemas em que acabem por pôr a sua segurança mais do que em si mesmos. Ai do brio, ai da personalidade, adquiridos quando eram pequeninos!

Infelizmente não pensam assim os pedagogos topo de gama que ajudam a *forjar* uma sociedade empestada de inúteis, que nos constitui um povo sempre atrás dos outros e torna cada vez mais difícil formar na linha de Pai Américo: cidadãos prestáveis cuja formação não custou muito à sociedade em que se hão-de inserir.

Nesta mente, Pai Américo quando começou a Obra da Rua, fê-lo por um imperativo de consciência onde Deus fez ouvir a Sua voz: e se o chamava necessariamente Se comprometia. Por isso se tornou dependente d'Ele, só d'Ele. E fez de toda a vida que lhe restou a demonstração de que quem assim faz, alcançou a verdadeira independência; e com ela uma autoridade e fecundidade que transcendem o poder do homem.

O Povo foi o instrumento de que a Providência Se serviu para cumprir o Seu compromisso. Talvez por esta escolha divina sempre o Povo nos compreendeu e amou «em obras e em verdade» e se reviu no esforço de cumprirmos o nosso compromisso quanto a fragilidade humana nos permite.

Que bom se só houvesse Povo!

Padre Carlos

Correspondência dos Leitores

Há um ano que não apareço

«Faz mais de um ano que não «apareço», mas a vossa amizade não esmorece e O GAIATO continua a chegar, certinho no tempo e certo no sossego que me tira. Nestes tempos em que se tende para a acomodação fácil, é salutar haver qualquer coisa que nos «abane». Nem é tanto as «histórias» que lá se contam — misérias há muitas e somos lembrados por todos os lados com o seu relato. É mais o ver, sentir que há pessoas que abdicam de uma vida pessoal,

em face da vida dos outros, que se apagam, que se dedicam, que «respiram» só pelos outros. Tenho por vós, discípulos de Pai Américo, uma admiração enorme e a todos desejo que Deus continue a dar Força para essa luta e Alegria nessa renúncia.

Assinante 32239.

Manjar quinzenal

«Acabo de ler, de ponta a ponta, o «nosso» Jornal como aliás sempre faço.

Agradeço aos queridos Padres e colaboradores este manjar quinzenal

que, apesar dos meus 67 anos, me obriga a despertar mais e mais para a verdadeira Vida...

Que Deus os ajude e podem contar com a minha oração e amizade. Um grato abraço em Jesus Cristo.

Assinante 53757.

Grande amigo

«Saudações em Jesus Cristo, bem como toda a comunidade.

Somos assinantes do «Famoso» e a sua leitura traz-nos sempre grande inquietação.

O GAIATO é um grande amigo,

DOCTRINA



«Nós fomos dos enterros»

EM um destes últimos dias, veio dar à nossa porta um rapaz abandonado, de 15 anos de idade. Vinha sobejamente andrajoso. Trazia doze tostões de esmolas. Pediu de comer. Tinha estado de véspera e fora-se embora à noitinha por não haver sido escutado, tendo dormido debaixo das estrelas, como ao depois confessou. Havia no semblante do nosso rapaz sinal de quem estava afeito à vida de comunidade: «Eu já andei num colégio», disse.

SUBIMOS a escadaria. Mandei sentar. Quis saber. Órfão de mãe, entrara aos nove anos para um Asilo. Entrementes perde o pai. Apenas chegado aos catorze anos, é despedido por virtude dos estatutos. Vagueou sozinho nas ruas do Porto, sem asas para voar. Procura o seu elemento: família, amigos, lareira. Ninguém! É um exposto sem medalha. Madrasta, fora a letra da regra; madrasta, a lei do mundo que o ignora. Estrangeiro na Pátria, em demanda do que é seu! Oh mundo acorda que já é tempo!!

FICOU em nossa Casa. Chamou-se o roupeiro que o vestiu, mai-lo cozinheiro que lhe deu de comer. É o mais nobre programa que no mundo se conhece: dar de comer a quem tem fome e vestir os nus. É a matéria certa do Tribunal de Contas, quando o Justo Juiz as vier tomar a cada mortal!

O pequenino condenado, agora no que é seu, parece outro. Era o tempo das colheitas. Dezenas dos nossos passam para os celeiros com feixes de abundância, a riscar o espaço em gestos de alegria. Ele olha, sorri, quer ser camarada. «Nós tínhamos uma quinta, mas não era assim; eram criados».

ENTROU no regimento. Formou na linha dos trabalhos. Começa a achar gosto.

— Ah, nós lá não era isto!

— Então que fazias tu?

— Nós tínhamos aula e íamos dos enterros.

Isto não constitui revelação do ex-asilado nem novidade que se conte. São coisas sabidas de todos e tacitamente aprovadas por todos. É uma doença nacional; um fungo que penetrou nos moldes da nossa Assistência; dela passou aos assistidos («nós vamos dos enterros») e contaminou toda a gente.

NOS tempos em que a Obra da Rua era caótica, costumava eu conduzir grupos de garotos das ruas de Coimbra e acampar nas cercanias, onde houvesse muito sol e resina de pinheiros. De uma vez, calhou assentar arraial nas proximidades do cemitério da aldeia. Houve um enterro. «Viva a vida!», berrava um deles, de longe. Os rapazes querem viver. O conhecimento da morte; a meditação da morte; o dever do funeral — são coisas para nós. Eles querem a vida.

O nosso Marcolino morreu no hospital de Coimbra, de uma operação urgente. Eu apareci e exclamei: — Ai que ele vai-se embora! O rapaz levanta-se na cama: — «Sim, quero-me ir embora!» Já tinha as extremidades geladas; a vida estava por um fio, e o meu filho Marcolino queria-se ir embora!

Padre Américo

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

recebido com muito carinho e alegria, pois sempre que o lemos, faz-nos descer à terra, levando-nos a esquecer os nossos problemas e a pensar mais nos outros e nas dificuldades que têm, sem lhes poder acudir.

Assinante 5059.

Doutrina do Evangelho

«O quinzenário O GAIATO é leitura que me agrada sobrem-

neira. É um Jornal que todo aquele que é bem formado, forçosamente, gosta dele, uma vez que toda a doutrina nele contida é baseada no Evangelho.

Se todos seguissemos o benéfico pensamento que nos transmite, não haveria lugar a tanto sofrimento, tanta miséria e tantos crimes, de toda a espécie que a televisão apresenta, nos seus ecrans, diariamente.

Assinante 25186.

Pão de Vida

Migalhas

O novo milénio começou com o espectro do martírio. No século XX, muitos mártires viram os seus nomes inscritos no livro da Vida, até em plena Eucaristia, como D. Óscar Romero. Noutro relato martirial, num campo de concentração nazi, um sacerdote guardava o pouco pão da refeição para a celebração eucarística, com alguns reclusos cristãos; entretanto, foram descobertos por um vigilante e o padre foi esventrado.

De Belém, lugar do pão, veio o Pastor e único Sacerdote do novo Povo, que multiplica o pão e

liberta da escravidão das trevas. Na noite da Sua Ceia memorável, antes do sacrifício da Cruz, Jesus tomou o pão ázimo, de trigo, como na saída apressada do Egipto, e partiu-o. Ensinou-nos, também, a pedir o pão como sustento diário.

Em nossa Casa, a bênção da mesa acontece sempre nas refeições diárias. Damos graças pelos alimentos que recebemos da bondade divina, através do nosso trabalho de cada dia e da partilha de uma multidão de amigos; e recordamos que Cristo vivo Se manifesta na *Fracção do pão*.

Num terreiro da nossa Aldeia, a nascente, encontram-se, por vezes, disseminados cibinhos de pão, que são lançados no granito para que as aves debiquem ou deixados cair por descuido.

Alguns dias de chuva intensa e vento impetuoso impediram este

panorama. Uma pomba tenra abrigou-se no ático da padaria, à espera da bonança.

É nesta época, em que a temperatura desce, que sabe melhor o pão aquecido, ao primeiro almoço.

Noutro tempo, muitas fornadas de pão de segunda e de borra de milho, cozidas com a lenha dos nossos montes, fizeram as delícias de gerações de rapazes. O forno antigo tinha uma cruz na padieira da porta, que também era traçada no pão amassado pelas mãos deles.

Em frente da padaria, com a janela voltada a nascente, na nossa casa-mãe, encontra-se um lugar humilde, que fervilha desde o nascer ao pôr do sol — é a *sala do pão*.

Em cima da mesa foi colocada uma grelha de madeira, bem diferente da grade do suplício de S. Lourenço. *Charitas est passio*.

Esse instrumento permite reter os bocadinhos que caem dos cortes do pão.

Partir o pão era um gesto que pertencia ao pai da família judaica, como sinal de amor pelos filhos dilectos.

Na mesa una, o pão é partido pelos refeiteiros. Depois, é repartido, num ritual discreto, mas necessário. O amor de pai e mãe expande-se como o calor do sol.

O pão corporal nem sempre é acarinhado. Muitos nacos regressam nos cestos, sem terem acompanhado as refeições. E as migalhas também ficam, no silêncio,

correndo o risco de se perderem.

A *Fracção do pão* da Vida distinguia as comunidades dos primeiros amigos do Senhor, que O reconheceram neste gesto sublime.

Sob o véu do pão partido, para nos alimentar, há um longo caminho de dúvidas a percorrer até se abrir os olhos e encontrar o Mestre que está connosco.

O Julho, quando pede pão, diz: — *Por sabor*. Se aprendermos a cuidar das migalhas e a dar o pão aos famintos, há-de vir o apetite para O receber na nossa morada, ao cair da noite e à luz do dia.

Padre Manuel Mendes

Setúbal

A nossa vacaria

CONTINUA a desempenhar o seu importante papel no nosso meio.

Os dois últimos rapazes que vieram para nós, são dois ferrenhos dela. O Mário, o mais velho dos dois, não se cala dizendo que quer ir trabalhar para a vacaria. O outro, o Nino, o mais novo de toda a Comunidade nos seus curtos seis anos de idade, já vai respondendo que estava a tratar do gado quando andam à sua procura. As botas de água que agora usa e que maravilham o seu olhar, dão-lhe o crédito necessário para poder responder daquela maneira.

O pior, foi quando uma Senhora da Casa lhe disse que não podia ir para a vacaria. O Nino contou-me o sucedido com um ar muito sério. Sem querer comprometer essa decisão, fui-lhe dizendo que só podia ver as vacas, mas não podia tratá-las. Uma réstia de esperança tinha de o manter animado.

Temos de manter esta chama, de ver nas nossas vacas mais que uma oportunidade de lucro material. Sabemos que se ele existe, é muito pequeno. No entanto, é grande quando o vemos sob o ponto de vista espiritual — uma fonte de equilíbrio e cura em oposição aos desequilíbrios gerados pela marginalização que trouxe estes rapazes até nós.

Esta verdade simples, assumida e vivida desde o início nas Casas do Gaiato, tão querida a Pai Américo, vai agora sendo descoberta por estudiosos de terapias para os males humanos. Vai-se percebendo que, na harmonia e contacto do homem com a natureza, ele reencontra a sua harmonia espiritual, importante contributo para a saúde corporal.

Contaram-me que um dos nossos, quando há alguns anos chegou a esta Casa, sempre que podia passava o tempo no meio dos rapazes mas junto das vacas, derramando lágrimas que o lavaram dos males que trouxera consigo. Assim, adquiriu o equilíbrio e vontade de querer ser homem.

Embora os desaires humanos sejam muitos na cegueira que o lucro provoca, necessariamente os animais continuarão a contribuir para uma ecologia equilibrada ao serviço da humanidade.

Padre Júlio

Benguela

Regresso a Benguela

CONHEÇO-OS bem. Algumas vezes, tratam-me por amigo. Outras, por pai. Cruzo-me com eles nas praças e nas ruas das cidades de Benguela e Lobito. O tratamento que me dão, faz-me cada vez mais comprometido com a sorte deles. São filhos da rua. A sua morada é a rua. A escola é a rua. Não posso levá-los para a nossa Casa do Gaiato, porque não tenho lugar para eles. Armazém de seres humanos? Não! Casa de família? Sim! São muitos!

Agora, que a guerra das armas acabou, o número de crianças da rua aumentou. A mata era, em parte, o seu refúgio. Depois, os grandes centros. São uma tentação que não poupa idades. Se a desgraça era grande, ali é destruidora do resto dos valores humanos, ainda escondidos no mais profundo do ser. Mais difícil se torna a sua recuperação, é verdade. Por isso, todo o esforço é pouco para os segurar no seu meio de origem. Estão a lembrar-me daquela menina, a fazer boa figura na escola, já avançada. Desapareceu, dum momento para o outro. Foi para Luanda, perdida, como tantas

outras, nas ruas da miséria. Tenho medo de que me apareça, mais tarde, com um filho nos braços para ficar na Casa do Gaiato. Que trabalho imenso, feito de mãos dadas, para salvar a parte mais querida dum povo!

Estou a escrever estas notas nas vésperas do meu regresso à Casa do Gaiato de Benguela. É um momento muito nobre. É a hora da profundidade, em que as palavras fazem silêncio, e o pensamento e o coração falam da atenção e carinho dos nossos Padres. Somos irmãos, queimados pelo mesmo ideal. O lugar e as pessoas podem ser diferentes, mas o fogo é o mesmo. O Mestre é só um. O instrumento visível que nos tocou foi Pai Américo. Resta-nos deixar queimar as nossas vidas, em holocausto, na fogueira do Amor Trinitário aos filhos abandonados e aos Pobres mais pobres.

Não vamos sós. Estamos com as mãos bem amarradas à multidão dos conhecidos e anónimos que decidiram partilhar da herança que nos foi confiada, com perseverança e fidelidade. São o sinal visível, apetece-me chamar-lhe sacramental, da presença de Deus

Pai, na nossa vida diária. A Obra da Rua experimenta, na hora presente, em que é batida por uma vaga forte e alta do mundo, a certeza do apoio da família de fora.

Ao regressar a Angola, levo comigo a convicção, cada vez mais arreigada, da necessidade urgente dum grande investimento humano, para o desenvolvimento integral do seu povo. O verdadeiro progresso dum povo não está apenas na criação de mais riqueza, mas na participação de todo o povo na riqueza da sua terra. Assim deve ser em Angola.

Quanto me alegrou o encontro com o grupo de jovens valentes, já maduros pela idade e formação académica, que fizeram a sua experiência de ajuda humana riquíssima à população de Angola, integrados na ONG «Leigos para o Desenvolvimento»? Ficaram marcados para toda a vida! Sinto-o lá e senti, aqui, do mesmo modo. Obrigado! A Fundação Evangelização e Cultura vai na mesma linha. Admirável! Desta vez, serão as Províncias de Malanje, Huambo e Lubango as beneficiárias deste investimento humano de alto valor.

Padre Manuel António

Calvário

Educar

O agricultor semeia e depois, pacientemente, aguarda o resultado.

Ora, semear é a grande tarefa do bom educador. Também este não deve ter pressa mas saber esperar para depois colher. A espera, por vezes, é longa, mas quem sabe o que é semear aguarda sempre com a certeza do êxito.

Os nossos tempos não são lá muito propícios a esta espera. Por isso, semeia-se pouco já que se desejam resultados imediatos e estes não aparecem assim. Há, até, quem pretenda colher sem semear.

O bom educador não se impacienta com as delongas. Talvez por isso haja tão poucos educadores.

Jesus era educador por excelência. Mestre! Não ralhava com os discípulos nem com os ouvintes. Propunha caminhos novos, inéditos, difíceis para eles ou mesmo utópicos. Semeava e aguardava. Quanta paciência não foi preciso ter com Pedro, o impetuoso. Mas resultou.

Também gosto de semear. Há largos anos que o venho fazendo por aqui. Aquilo que mais gosto de semear entre os doentes é a semente da fé nas suas capacidades. Gosto de apostar na transformação da apatia em diligência, da

rebeldia em mansidão. Gosto de semear a paz.

A Maria barafustava, há dias, não sei bem porquê nem com quem. Certamente eram sarilhos domésticos de importância menor. Nestas circunstâncias qualquer admoestação é acha para a fogueira.

— Olha, Maria — digo baixinho — leva esta abóbora porque a cozinheira precisa dela e eu não posso levá-la.

— Está bem, eu vou. A Maria descarrega a tempestade na abóbora e esta absorve-a. E com a maior das calmas executa o recado.

Os clínicos ainda não descobriram o poder terapêutico deste fruto. Eu constatei que ele cura mazelas superficiais. É um poderoso calmante. Acreditar nos outros, dizer-lhes que são capazes, é caminho certo para os ajudar. Mostrar que necessitamos deles constitui o modo mais eficaz de os transformar em seres úteis. A educação passa pela humildade do educador.

Há largos anos que venho manifestando aos doentes que deles necessito; que todos precisamos uns dos outros. E esta mensagem já entrou no íntimo de cada um. Por isso, é fácil o nosso viver comunitário, desconcertante para os técnicos que só contam com a técnica para resolver os problemas.

Semear com paciência produz frutos saborosos — uma delícia para quem os prova.

Padre Baptista

Encontros em Lisboa

Livro do Apocalipse

NA leitura do Livro do Apocalipse, escolhida para o dia de Todos os Santos, aparece o diálogo final: «Esses que estão vestidos de túnicas brancas quem são e de onde vieram?» — «São os que vieram da grande tribulação, os que lavaram as túnicas e as branquearam no sangue do Cordeiro».

Hoje parece difícil falar de dignidade humana e de luta para essa dignidade, quanto mais falar de santidade e do caminho para aí chegar.

A antropologia fala-nos do homem que nasce inacabado, não programado, capaz de tomar as direcções que os seus mais próximos o incentivarem, até um dia, poder, com os critérios que lhe forem disponibilizados, fazer as suas escolhas em liberdade. Este trabalho exige a criação de rotinas. Muitos esforços de polimento de incipientes tendências. Acompanhamento carinhoso e incentivador. Valores motivadores da reflexão a partir da excelência de cada um.

Também a santidade nasce com a pessoa. Aos meus miúdos procurei explicar o heroísmo em alguns valores evangélicos (eles têm a cabeça cheia de heróis, nem sempre os melhores modelos e pensam que tudo acontece de um dia para o outro). Nos nossos dias e em todos os tempos, ser herói nos valores evangélicos exige que se passe pela «grande tribulação» de que fala o Apocalipse. Essa tribulação é tanto maior quanto é invisível a recompensa... Assim sendo, será preciso olhar para o «Cordeiro» e deixar que toda a vida seja aí transformada.

Padre Manuel Cristóvão